

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS SERTÃO
UNIDADE EDUCACIONAL SANTANA DO IPANEMA
CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

JANIEIDE DA SILVA LINS

**A IMPORTÂNCIA DA AGRICULTURA FAMILIAR NO SEMIÁRIDO ALAGOANO: O
CASO DA FEIRA DA AGRICULTURA FAMILIAR EM SANTANA DO IPANEMA,
ALAGOAS**

Santana do Ipanema-AL

2021

JANIEIDE DA SILVA LINS

**A IMPORTÂNCIA DA AGRICULTURA FAMILIAR NO SEMIÁRIDO ALAGOANO: O
CASO DA FEIRA DA AGRICULTURA FAMILIAR EM SANTANA DO IPANEMA,
ALAGOAS**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus Sertão, Unidade Santana do Ipanema-AL.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Celso Brandão
Guerreiro Barbosa

Santana do Ipanema – AL
2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Unidade Santana do Ipanema
Responsável: Rafaela Lima de Araújo – CRB4/2058

L759i Lins, Janieide da Silva.
A importância da agricultura familiar no semiárido alagoano: o caso da feira da agricultura familiar em Santana do Ipanema, Alagoas / Janieide da Silva Lins. - 2021.
40 f.: il.
Orientador: Luciano Celso Brandão Guerreiro Barbosa.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Ciências Econômicas) - Universidade Federal de Alagoas. Unidade Santana do Ipanema. Curso de Ciências econômicas. Santana do Ipanema, 2021.
Bibliografia: f 34-36.
Apêndice: f. 37-40.
1. Agricultura familiar. 2. Desenvolvimento local. 3. Feira popular. 4. Santana do Ipanema, Alagoas. I. Título.

CDU: 330

FOLHA DE APROVAÇÃO

JANIEIDE DA SILVA LINS

A IMPORTÂNCIA DA AGRICULTURA FAMILIAR NO SEMIÁRIDO ALAGOANO: O CASO DA FEIRA DA AGRICULTURA FAMILIAR EM SANTANA DO IPANEMA, ALAGOAS.

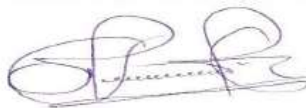
Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus Sertão, Unidade Santana do Ipanema-AL.

Data da Aprovação: 24/02/2021



Prof. Dr. Luciano Celso Brandão Guerreiro Barbosa
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Sertão – Unidade Santana do Ipanema
Orientador

Banca Examinadora:



Prof. Mestre Alcides José de Omena Neto
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Sertão – Unidade Santana do Ipanema
Examinador



Prof. Mestre Mauricio de Siqueira Silva
Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde
Examinador

Aos meus pais que sempre me incentivaram
a seguir em frente.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, em sua infinita bondade pelo que proporcionou em minha vida, se estou finalizando este curso é porque acredito que Deus o colocou na minha vida com um propósito.

Agradeço imensamente aos meus pais, principalmente a meu pai que fez de tudo que podia para que eu finalizasse meus estudos e que sempre me apoiou quando o assunto era a minha educação. A minha mãe também, que me ajudou como podia e esteve sempre ao meu lado nos bons e maus momentos e aos meus irmãos que também estiveram presentes em momentos decisivos em minha vida, dando apoio e amor.

A UFAL e a todo o corpo docente que me proporcionou aprendizados, que mais que profissionais, serão levados para a vida enquanto o ser humano que sou. Ao meu orientador Luciano, pela paciência comigo e direcionamentos que foram importantes para esse trabalho, além de expressar minha eterna admiração pelo excelente profissional que é, despertando o interesse por uma área extremamente importante, mas não reconhecida como merece, em um curso que é mais “de exatas”. Deixo meus agradecimentos também a banca examinadora que dedicou seu tempo para analisar este trabalho simples, mas que acredito que despertará interesses futuros na área de pesquisa.

E deixo um agradecimento especial aos meus colegas de turma, onde além de colegas nos tornamos uma família, que brigavam, choravam juntos e se apoiavam em suas decisões. As risadas e aos bons tempos que passamos juntos e dos quais sempre lembrarei e levarei comigo.

E por fim, a todos que direta ou indiretamente me apoiaram e me incentivaram a prosseguir e a buscar meu melhor.

RESUMO

O presente trabalho busca analisar a importância da agricultura familiar no semiárido alagoano, observando seu papel para o desenvolvimento local. Esta pesquisa se constitui num estudo de caso sobre a Feira da Agricultura Familiar de Santana do Ipanema, Alagoas. Utilizou como método de pesquisa a abordagem qualitativa, além desta ser uma pesquisa exploratória sobre a temática. Para sua execução foi realizada pesquisas bibliográficas em sites especializados, livros, artigos acadêmicos relacionados ao assunto e, também, feita entrevistas com questionário aberto com os envolvidos de forma direta e indireta. Com a pesquisa foi possível observar que a Feira da Agricultura Familiar em Santana do Ipanema constitui-se num pontapé inicial para que os envolvidos no processo busquem aprimorar seu capital social, capital humano e o espírito de cooperação entre si, além de proporcionar uma melhora na vida dos agricultores/feirantes.

Palavras-chaves: agricultura familiar; desenvolvimento local; feira livre.

ABSTRACT

The present undergraduate thesis aims to evaluate the importance of family agriculture in the semi-arid region of Alagoas, looking at its role for local progress. This study has been constituted in a case survey regarding the Family Farming Fair in Santana do Ipanema, Alagoas, Brazil. It has employed a qualitative approach as a research method, beyond this is an exploratory research about the issue. In order to this achievement it was carried out a bibliographic research in specialized sites, books, academic articles related to the subject, and also interviews with an open questionnaire with those directly and indirectly involved. With the study it was possible to notice that The Family Farming Fair in Santana do Ipanema is a kick-start for those involved in the process seek to improve their social capital, human capital, and the spirit of cooperation for each other, in addition to provide an improvement in the farmers/street marketers lives.

Key-Words: family farming; local development; treet market.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 Dados dos agricultores/feirantes da Feira da Agricultura Familiar -----	29
Quadro 2 Melhorias apontadas -----	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AF	Agricultura Familiar
AL	Alagoas
APAM	Associação dos Produtores Agroecológicos de Monteiro
APFAS	Associação dos Produtores da Feira Agroecológica de Sumé
ASA	Articulação do Semiárido Brasileiro
CCC	Circuitos Curtos de Comercialização
DAP	Declaração de Aptidão ao Pronaf
EMATER	Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
MI	Ministério da Integração Nacional
ONG	Organização Não-Governamental
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PB	Paraíba
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PRONAF	Programa Nacional da Agricultura Familiar
Sead	Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário da Casa Civil da Presidência da República

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	A importância da Agricultura Familiar	11
1.2	Procedimento Metodológico	13
2	DESENVOLVIMENTO LOCAL	14
3	FEIRAS LIVRES: CONCEITO E FORMAS DE ESCOAMENTO DE PRODUÇÃO	19
3.1	Feiras livres e desenvolvimento local no Semiárido	20
4	RESULTADOS.....	25
4.1	A Feira da Agricultura Familiar em Santana do Ipanema/AL	25
4.2	A Feira da Agricultura Familiar e as instituições que a acompanham.	26
4.3	A Feira da Agricultura Familiar através dos olhos dos feirantes/agricultores.....	27
5	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	31
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS.....	35
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIOS.....	38
	APÊNDICE B – FOTOS DA FEIRA.....	39

1 INTRODUÇÃO

A Agricultura Familiar (AF) é de forma geral, a agricultura advinda da produção familiar, é assim designada por apresentar como agentes principais os membros de uma mesma família, ou seja, é necessário que as pessoas que trabalhem sejam donas da terra e o território não ultrapasse 4 hectares onde a própria família produz e colhe, não sendo necessário a utilização de pessoas contratadas. É, em sua maioria, uma cultura de subsistência, pois o público envolvido normalmente produz para seu próprio consumo. Esse formato de produção está presente desde os primórdios da humanidade quando os primeiros nômades viram a possibilidade de produção e passaram a ser sedentários, surgindo a necessidade de plantio no solo, domesticação de animais etc.

Nestas perspectivas, sobre esta atividade econômica tão importante, Kamiyama (2011, p. 10) aponta que:

As primeiras formas de agricultura surgiram em torno de 10 mil anos atrás, no período da pré-história denominado NEOLÍTICO. Nesse período, ocorreram as primeiras formas de domesticação de espécies de vegetais e animais e o clima foi se tornando mais ameno e adequado ao cultivo de alimentos. O uso de técnicas, mesmo que inicialmente rudimentares, passou a fazer parte do cotidiano dos primeiros aglomerados humanos.

A partir daí a agricultura começou a se desenvolver. Fatos marcantes como o surgimento do fogo, a domesticação de animais, a utilização da cerâmica e o surgimento das primeiras comunidades ajudaram no desenvolvimento e também no manejo do plantio. Tendo depois de tempos a primeira Revolução Agrícola, seguida da Segunda Revolução Agrícola. A primeira é datada no século XVIII, onde houve vários avanços na agricultura e início de produção em larga escala, como o domínio de técnicas para plantio em grande escala; a integração da produção e da pecuária e, intensificação do uso de plantas forrageiras.

A Segunda Revolução Agrícola aconteceu ainda em meados do século XIX, e proporcionou a utilização de tecnologia nas técnicas de plantação, foi aí que surgiu o melhoramento genético das plantas e o uso de fertilizantes químicos, a separação entre produção animal e produção vegetal e também se iniciou a prática da monocultura.

Com o melhoramento da produção, ocorreu o que se chama de Revolução Verde (é a chamada Agricultura Convencional), caracterizada justamente por essa

fase de incremento tecnológico, introdução de fertilizantes e maquinário; essa prática aumentou a produção mundial de alimentos e barateou os custos, contudo, ocorreu um maior desmatamento da natureza, maiores problemas de saúde devido ao número excessivo de agrotóxicos e poluição. Isso acabou gerando respostas em prol de uma mudança dos acontecidos, passou-se a buscar uma agricultura mais saudável e menos poluentes, onde a agricultura familiar se enquadra.

Segundo Abramovay (1997, p. 3):

A agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho, vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento. Que esta definição não seja unânime e muitas vezes tampouco operacional. É perfeitamente compreensível, já que os diferentes setores sociais e suas representações constroem categorias científicas que servirão a certas finalidades práticas: a definição de agricultura familiar, para fins de atribuição de crédito, pode não ser exatamente a mesma daquela estabelecida com finalidades de quantificação estatística num estudo acadêmico. O importante é que estes três atributos básicos (gestão, propriedade e trabalho familiar) estão presentes em todas elas.

1.1 A importância da Agricultura Familiar

A AF é aquela que trata da gestão, propriedade e trabalho familiar. Por se dar em pequenos estabelecimentos, em sua maioria é destinada para subsistência, mas também é destinado para alimentação em geral. Segundo Maia (2011, p. 27) “a agricultura familiar no Brasil é responsável por 70% da produção de alimentos que vão à mesa e são consumidos, diariamente, pelos brasileiros”. Além disso, um levantamento feito pelo portal do Governo Federal (2018) mostrou que agricultura tem um peso importante na economia, chegando a faturar anualmente cerca de US\$ 55,2 bilhões.

Para ser enquadrado como agricultor familiar, o indivíduo deve atender aos requisitos impostos na lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, que estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais, que diz em seu Artigo 3º que:

Considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos:

- I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;
- II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;
- III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento;

III - tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo; (Redação dada pela Lei nº 12.512, de 2011);
 IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família. (BRASIL, 2006).

Além de se enquadrar nos requisitos impostos na lei, o agricultor deve ter a documentação que comprove seu vínculo com a terra. Segundo a Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário da Casa Civil da Presidência da República (Sead) (2019), a identificação da agricultura familiar, para fins de acesso às políticas públicas, se dá pela obtenção da Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP). Esse documento é como se fosse a identidade do agricultor familiar, através dele também é possível participar de programas de incentivo do governo:

A DAP foi criada para identificar e qualificar o agricultor familiar e permitir acesso diferenciado às políticas públicas. Atualmente, a DAP concede acesso a mais de 15 políticas públicas, dentre elas o crédito rural do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), os programas de compras instrucionais, como o de Aquisição de Alimentos (PAA) e o de Alimentação Escolar (PNAE), a Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), o Programa Garantia Safra e o Seguro da Agricultura Familiar (Sead, 2016).

Alguns programas de fortalecimento da agricultura familiar são o Programa Nacional da Agricultura Familiar (PRONAF), Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

O PAA é um programa do governo com o intuito de promover a compra dos alimentos dos pequenos agricultores a fim de promover geração de renda e valorização dos produtos para os envolvidos. Segundo a Sead (2019), parte desses alimentos adquiridos pelo governo de forma direta dos agricultores é destinado à formação de estoques estratégicos e para distribuição para pessoas em estado de vulnerabilidade social, promovendo assim, bem-estar social. Considera-se, assim que:

É excepcional a transformação que o PAA tem promovido no campo e nas cidades – visivelmente percebido, porém pouco debatido – que é a mudança nas relações *sócio territoriais* entre produtores e consumidores de alimentos nas cidades e regiões. O PAA aproximou famílias trabalhadoras – produtoras e consumidoras de alimentos de forma direta nas comunidades e nas cidades (MOREIRA, 2008, p. 1).

Diante disso, é possível observar que a agricultura familiar, através de programas governamentais proporciona melhor qualidade de vida, estando presente em todo o país e, que assim, através dela, é possível buscar o desenvolvimento local também no semiárido alagoano. Portanto, este trabalho busca analisar a

importância da agricultura familiar no semiárido alagoano, observando seu papel para o desenvolvimento local.

1.2 Procedimento Metodológico

Para alcance dos objetivos propostos, utilizou-se a abordagem metodológica qualitativa, além desta pesquisa ter o caráter exploratório. Também, esta pesquisa se constitui num estudo de caso sobre a Feira da Agricultura Familiar em Santana do Ipanema, Alagoas.

Num primeiro momento, foi feita uma revisão bibliográfica sobre o tema de desenvolvimento, agricultura familiar, semiárido e mercados de proximidade (circuitos curtos de comercialização e feiras livres), em livros, artigos científicos e sites especializados. Foi utilizado, também, o conceito de desenvolvimento local apresentado por Buarque (2008), para a partir daí formular a discussão acerca do tema.

Inicialmente foi feita uma visita preliminar na feira, com o objetivo de observar como ela se dava e fazer o levantamento inicial sobre seu funcionamento, quem participava e etc. (realização de pré-diagnóstico). No dia da primeira visita, estava havendo um evento o PAA, também foi tida uma breve conversa com o Secretário da Agricultura do município de Santana do Ipanema

Num segundo momento, foram feitas entrevistas com questionários abertos com o Secretário de Agricultura do município, a Emater e com 06 (seis) agricultores, que participam da feira e que produzem seus alimentos no próprio estabelecimento rural. Durante todo esse processo, foi utilizado câmera para registro fotográfico.

Em um certo momento da entrevista, foi abandonado o questionário para um dos agricultores que era novato na feira e, para ele foi feita uma conversa, onde ele contou como está sendo a experiência na feira e o que espera.

Os dados coletados foram analisados e apresentados em forma descritiva e, também, em forma de quadro para melhor entendimento dos leitores.

2 DESENVOLVIMENTO LOCAL

O que é desenvolvimento afinal? Conceitualizar sobre desenvolvimento acaba sendo difícil num primeiro momento, pois além de seu conceito ser, digamos, um pouco complexo, há também o fato de haver a “troca” do conceito de desenvolvimento pelo conceito de crescimento, que foi usado por um longo tempo, ou eram considerados sinônimos.

O desenvolvimento é, em termos mais simples, um processo de evolução ou progresso em que os envolvidos acabam passando, dada determinada condição, em outras palavras uma melhora significativa na vida dos indivíduos. O desenvolvimento é um termo que já havia sua discursão antes da segunda grande guerra, porém se intensificou de forma marcante no pós Segunda Guerra Mundial diante do contexto de descolonização e de transformações políticas e econômicas no cenário internacional, pois até meados dos anos 60, o conceito de crescimento econômico também estava atrelado ao conceito de desenvolvimento, que acabou sendo questionado posteriormente.

Até esse período, para medir ou avaliar o índice de desenvolvimento e crescimento dos países, era utilizado o Produto Interno Bruto (PIB), porém observou-se que medir o desenvolvimento através desse índice, era limitador. O desenvolvimento deve estar atrelado ao bem-estar de seu povo, ou seja, não somente medir o crescimento, mas também sua melhora na qualidade de vida, sustentabilidade, dispersão e composição, de forma a satisfazer suas necessidades e, para isso deve haver um índice que meça a educação, saúde, saneamento básico e etc. Para Nisbet (1969) a noção de desenvolvimento não deve ser encarada como um julgamento rígido, que possa ser explicado por meio da razão científica, mas sim como uma metáfora.

Devemos destacar também que, existem vários conceitos e autores que tratam do conceito de desenvolvimento em diversas perspectivas (sustentável, local, social, econômico e etc). Por exemplo, o conceito de desenvolvimento apontado por Sen, defende que, para que haja desenvolvimento, os indivíduos devem deixar de submeter-se a privações de liberdade, assim, nessa perspectiva, busca-se melhorar a condição humana:

[...] o desenvolvimento consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e oportunidades das pessoas de exercer

ponderadamente sua condição enquanto agentes de sua própria mudança (SEN, 2000, p. 10).

Já para Furtado (1974, p. 74):

Quaisquer que sejam as novas relações que se constituam entre os Estados dos países periféricos e as grandes empresas, a nova orientação do desenvolvimento teria que ser num sentido muito mais igualitário, favorecendo as formas coletivas de consumo e reduzindo o desperdício provocado pela extrema diversificação dos atuais padrões de consumo privado dos grupos privilegiados.

Segundo Franco, (2005), o desenvolvimento não é a mesma coisa que crescimento como se acreditava a tempos atrás. Para ele desenvolvimento está atrelado ao capital social e a junção de mais quatro capitais: financeiro, físico, natural e humano, ou seja, uma interação entre todos a fim de promover um bem maior e claro, de forma sustentável. Mais que isso, Franco tenta mostrar que pobreza e exclusão social não devem ser enfrentadas com crescimento econômico e políticas compensatórias, mas sim com programas voltados em aprimoração de capital humano e social:

[...] Introduzido dessa maneira o conceito de capital social, volto à equação complexa do desenvolvimento. Mostro que renda, riqueza, meio ambiente, conhecimento e poder (ou empoderamento), ou melhor, capital financeiro, capital físico (ou produtivo, ou empresarial), capital natural, capital humano e capital social, não devem crescer isoladamente para produzir o fenômeno que interpretamos como desenvolvimento. Trata-se, o desenvolvimento, na verdade, de uma combinação sinérgica de todos esses elementos. [...] O padrão aqui não é o crescimento ilimitado de cada variável *per se* e sim a sua interação. Para haver desenvolvimento – ou seja, sustentabilidade – é necessário que todas essas variáveis, esses cinco “capitais”, flutuem em torno de valores ótimos. Mas os valores ótimos de cada variável dependem dos valores das outras variáveis (FRANCO, 2005, p. 11).

Para Buarque, o desenvolvimento local deve ser algo que aconteça naturalmente e que comece com algo que atraia a população envolvida, buscando melhorar sua qualidade de vida e seu dinamismo econômico. Deve buscar resgatar e é claro explorar, colocar no centro as potencialidades locais:

Na definição de Amaral, desenvolvimento endógeno pode ser entendido como um processo de crescimento econômico implicando em uma contínua ampliação da capacidade de agregação de valor sobre a produção bem como da capacidade de absorção da região, cujo desdobramento é a retenção do excedente econômico gerado na economia local e/ou a atração de excedentes provenientes de outras regiões (AMARAL *apud* BUARQUE, 2008, p. 26).

Podemos observar que, apesar de conceitos diferentes, ambos concordam que o processo de desenvolvimento deve se fazer presente de forma igualitária, ou seja, que não favoreça somente os mais fortes, mas também os mais fracos para buscar uma melhora em suas vidas.

Desta forma, emerge nos anos 80 o início do estudo sobre o desenvolvimento local com maior intensidade na década de 90, principalmente porque as políticas de descentralização aumentaram e houve ainda impactos nas estratégias europeias, países em desenvolvimento e principalmente na América Latina.

Buarque apresenta o conceito de desenvolvimento local dentro da perspectiva da globalização e da descentralização, relacionando-os com o desenvolvimento local. Isso, dado a força que a globalização tem de criar vantagens competitivas e dinamismo econômico, que, além de tudo, pode resultar numa padronização dos mercados, provocando o fim das identidades locais e dando força a dominação políticas estruturadas. Por sua vez, essa descentralização do poder pode incentivar o acesso a uma participação mais democrática, a democratização do Estado e ao ativismo social, podendo também incorrer na sustentação de laços e estruturas de dominação local.

Ele o aponta como “um processo endógeno de mudança, que leva ao dinamismo econômico e a melhoria da qualidade de vida” (BUARQUE, 2008, p. 25), o autor também considera o desenvolvimento local como sendo o “resultado de múltiplas ações convergentes e complementares, capaz de quebrar a dependência e a inércia do subdesenvolvimento e do atraso de localidades periféricas e de promover uma mudança social no território” (BUARQUE, 2008, p. 26).

Assim como Buarque fala do processo de desenvolvimento que deve acontecer de forma endógena, as feiras acabam se tornando uma forma de disseminação dos produtores rurais e de explorar suas capacidades e potencialidades para ingressar no mercado e apresentar seus produtos, ou seja, é um processo que se inicia internamente em uma comunidade ou cidade e vai ganhando força.

Como diz Buarque (2008, p. 30) no que se refere ao aspecto cultural do desenvolvimento local, o mesmo “depende da capacidade de os atores e a sociedade local se estruturarem e se mobilizarem, com base nas suas potencialidades e na matriz cultural, para definir e explorar suas prioridades específicas”. Assim, o desenvolvimento local descrito pelo autor ocorre sob as bases de um fator processo-resultado com direções culturais.

Nesse contexto, podemos definir que as feiras locais, acabam sendo uma estratégia de disseminação dos produtos, pois acaba abrindo ao pequeno produtor espaço de competição que não é permitido por grandes corporações/empresas. São

os chamados mercados de circuitos curtos, ou seja, uma forma de disseminar os produtos locais de pequenos produtores, contendo informações sobre de onde vem, a comercialização, como se deu sua transformação e etc.

Como discutido até o presente momento, o desenvolvimento defendido por Buarque e que segue a linha de pensamento de outros autores, defende que o processo deve ser endógeno e, ele relata isso no começo, analisando o processo de globalização, ou seja, analisando o território e enfatizando a necessidade de cooperação de dentro da comunidade para que todos prosperem. Veiga (2006, p. 20) diz algo parecido:

Assim, renovar a concepção de território para uma política de ordenamento exige, antes de tudo, que ele seja entendido como ator de um esforço constante de desenvolvimento, mas de um desenvolvimento no qual a coesão social é simultaneamente uma aposta e uma alavanca. Neste sentido, três *insights* têm sido cada vez mais enfatizados: a necessidade de combinar concorrência com cooperação; a necessidade de combinar conflito com participação; e a necessidade de combinar o conhecimento local e prático com o científico. [...] o desenvolvimento depende, essencialmente, do papel catalisador que desempenha um projeto que tenha sido elaborado com ampla participação dos atores locais. Isto é, dos empreendedores privados, públicos e sociais que se identificam com determinada região.

É fato que o conceito de desenvolvimento ainda é complexo a ponto de ser confundido com o conceito de crescimento ou até mesmo entendido como uma redução da pobreza, mas vimos que além disso, ele está atrelado a uma busca de cooperação e união para prosperarem em conjunto.

Como Veiga diz acima, é preciso uma participação ampla dos atores locais que se identificam com a região, além de combinar conflito com participação, ou seja, buscar/opinar uma solução para determinado problema local; de combinar concorrência com cooperação, nesse caso, buscar uma aliança dos envolvidos para que ambos cresçam igualmente sem que haja a necessidade de um derrubar o outro nesse mercado competitivo que temos atualmente e, por fim, buscar combinar conhecimento local com conhecimento científico.

O conhecimento popular apresenta fatos interessantes e que se aprofundados com o conhecimento científico ajudará ainda mais no processo de produção ou até mesmo na qualidade de vida, saúde e etc (por exemplo, o conhecimento de plantas nativas que podem vir ser usados nos fármacos, ou técnicas de plantio em determinados períodos).

Podemos dizer então que, é preciso alinhar esses conhecimentos para um bem comum de todos e, visando a disseminação de uma região para a outra. Um

exemplo de espaço para essa disseminação seriam as feiras, que hoje são um berço de variação de produtos agrícolas e também de conhecimento popular.

3 FEIRAS LIVRES: CONCEITO E FORMAS DE ESCOAMENTO DE PRODUÇÃO

As feiras são, segundo Ângulo (2003), geralmente, empreendimentos locais que buscam a valorização da produção agroalimentar, principalmente em municípios de pequeno e médio porte. Ou seja, é uma forma de valorizar a produção local e mais do que isso, de expandir seus produtos, no caso, fazer com que eles cheguem aos consumidores na melhor forma possível. As feiras apresentam uma diversificação de produtos, além de que transmitem a ideia de alimentos frescos e saudáveis. Apresentam também uma grande circulação de pessoas em seus espaços.

As feiras, nesse caso e como já falado anteriormente, são espaços de Circuitos Curtos de Comercialização (CCC). Mas o que são os CCC's?

Segundo Silva (2015), os Circuitos Curtos de Comercialização (CCC) são um importante meio para a emancipação socioeconômica de agricultores e agricultoras, em especial os familiares.

Os circuitos curtos de comercialização, no caso as feiras, são e tem se mostrado como uma forma estratégica e promissora para escoamento de produção de pequenos agricultores familiares, além de que o processo de comercialização acontece diretamente entre o produtor e o consumidor, já que são fenômenos que ocorrem de forma regular e em espaços públicos abertos. Nas feiras ocorre a proximidade nas relações comerciais, há contato direto entre produtor e consumidor, vivência, tradição e cultura (PIERRI; VALENTE, 2015). Ou seja, há maior interação, evitando intermediadores na cadeia.

As feiras acabam sendo um ótimo centro de comercialização, pois não apresentam uma competitividade gritante como as concorrências de grandes empresas, além de que é uma estratégia de disseminação de produtos agroecológicos (sem uso de agrotóxicos) de forma dinâmica.

Vale ressaltar também que a repercussão sobre os CCC's tem sido campo de discussão entre pesquisadores, fazendo surgir conceitos e caracterização em várias partes do mundo. "A relação entre mercados e agricultura familiar constitui-se em um tema que somente recentemente passou a despertar o interesse dos estudiosos rurais" (SCHNEIDER; FERRARI, 2015, p. 59).

Nos mercados de circuitos curtos, também é observado que como os produtos são negociados, normalmente, entre produtores e consumidores sem a atuação de intermediadores ou as vezes por um intermediador, acaba por fazer com que os produtores reconquistem controle sobre suas vendas e também, a venda dos seus produtos num valor mais justo, além de que os consumidores, podem participar da qualificação dos produtos. É uma espécie de ciclo de troca.

Além disso, conforme Pierri e Valente (2015) esses circuitos de comercialização fortalecem a economia local, proporcionando também geração de trabalho, renda e alimentos mais saudáveis. De modo geral, uma melhora significativa de ambos os lados.

3.1 Feiras livres e desenvolvimento local no Semiárido

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2019), os critérios para delimitação do Semiárido foram a precipitação pluviométrica média anual igual ou inferior a 800 mm; o índice de Aridez de Thornthwaite igual ou inferior a 0,50; e o percentual diário de déficit hídrico igual ou superior a 60%, considerando todos os dias do ano. É composto pelos estados de Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais, num total de 1.262 municípios.

Essas características acabam por designar o semiárido como um lugar seco, onde a pobreza assola o seu povo, cheio de malesas e miséria. Porém não é bem assim. Apesar do clima seco, a população busca maneiras de convívio com o clima, buscando formas de se adaptar a realidade local e almejando um maior “crescimento”. Alguns programas de incentivo também foram criados. Inclusive alguns que ajudam a manter e até aprimorar a agricultura familiar local, como é o caso do programa P1 + 2 (uma água, duas terras) desenvolvido pela Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA Brasil) que consiste em captar água da chuva para desenvolver o plantio da agricultura de forma sustentável e também com manejo adequado do solo e dos recursos hídricos.

Além disso, as feiras acabam sendo o ponto de escoamento da produção e também na geração de desenvolvimento e renda, como é o caso da feira livre em

São Felipe na Bahia. A feira é importante para o desenvolvimento local e também apresenta uma resistência a urbanização.

A feira acontece no centro da cidade de São Felipe nos dias de sexta-feira e sábado, sendo o último o dia de maior movimento. Seus principais produtos são: amendoim, milho, azeite de dendê, banana, inhame, laranja, mandioca, manga, graviola, jiló, maxixe, feijão verde, batata doce, hortaliças e verduras. A feira além de ser um ponto de escoamento de mercadorias, acaba por se tornar um ponto de encontro de familiares e amigos e também de diversificação de culturas e aprendizados. Também é um ponto de união entre os feirantes, como observado pela pesquisadora, os feirantes distribuem as barracas de acordo com a personalidade, ou seja, questões de afetividade entre eles foram respeitadas e, se caso um feirante não possa ir, o lugar pode ser cedido (naquele dia) para outra pessoa após uma conversa prévia sem desentendimentos, mostrando que há uma cooperação e um laço de empatia entre os envolvidos.

A feira vai da importância do abastecimento alimentar nas áreas urbanas à diversificação agrícola, passando pelas relações ecológicas. Segundo a pesquisa apresentada, a atividade dos feirantes é motivada como complemento de renda para 42,8% dos entrevistados, para 33,3% é a continuação do modo de vida de trabalho desde pequenos e 23,9% por não terem opção de emprego. Segundo a pesquisadora, esses dados mostram que a feira tem condições estruturais para gerar desenvolvimento local a partir do segmento de menor renda de sua população.

Uma pesquisa realizada em Condado, Paraíba, sobre o plantio as margens do Açude Engenheiro Arcoverde, a desenvolvida no Perímetro Irrigado e, a praticada em outras áreas, por pequenos grupos familiares, mostrou que a agricultura familiar é um caminho mais que viável para a promoção do desenvolvimento local sustentável e, que se deve priorizar sua prática, além de aumentar os investimentos na agricultura familiar local. A mesma ainda fala que a agricultura familiar poderá garantir a sustentabilidade do meio ambiente bem como gerar empregos e melhorar a qualidade de vida dos envolvidos, mas que a falta de políticas públicas voltadas à agricultura ou inadequadas acaba por atrapalhar o processo de desenvolvimento.

É importante ressaltar que a agricultura familiar aumenta a renda dos produtores e sua produtividade a tal nível, que supre o mercado local, fortalecendo a economia interna, aumentando, *consequentemente*, o seu poder de competitividade. Por essas e por outras razões, a agricultura familiar nordestina deve ser vista como alternativa para a obtenção de um desenvolvimento mais sustentável, através de incentivos para aumentar a

sua produção de subsistência ou para criar estratégias de sobrevivência fora das porteiras de sua propriedade (SOARES; MELO; CHAVES, 2009, p. 60).

Apesar de não haver relatos de feira nessa pesquisa, podemos analisar que, além da intensificação de políticas públicas e apoio técnico para melhorar o plantio, falta também um canal de disseminação dos produtos, assim, nesse contexto poderia ser a feira um canal de comercialização que intensificaria um melhor resultado de desenvolvimento.

Também podemos destacar as feiras agroecológicas do cariri paraibano, que são elas: A feira agroecológica de Monteiro (surgida em 2007), composta por 05 agricultores/feirantes associados à Associação dos Produtores Agroecológicos de Monteiro (APAM) e a feira agroecológica de Sumé (também de 2007) e composta por 10 agricultores/feirantes, associados à Associação dos Produtores da Feira Agroecológica de Sumé (APFAS). Segundo a pesquisadora, os feirantes/agricultores foram muito persistentes em continuarem na feira, dado um dos problemas ser a estiagem prolongada aliada a falta de políticas públicas incisivas na localidade.

Apesar das dificuldades enfrentadas, eles acreditam no sistema de plantio agroecológico, pois é um sistema que não é tão invasivo no meio ambiente além de que, como destacado por um dos feirantes, leva bons alimentos e saúde para a mesa dos seus consumidores.

As feiras agroecológicas têm se revelado instrumentos eficazes para a sustentabilidade da agricultura familiar no Semiárido, elevando a renda das famílias agricultoras e fortalecendo o processo de conversão agroecológica dos sistemas produtivos. Contribuem decisivamente para o desempenho de novos papéis pela agricultura familiar, aumentando a organização das famílias agricultoras e seu protagonismo (AZEVEDO *et al*, 2013, p. 5).

Observa-se que a agricultura familiar é importante para proporcionar geração de renda, desenvolvimento local e também garantir a segurança alimentar. Na década de 90, o governo se preocupou e vem buscando desde então, mecanismos para saciar a fome, a desnutrição e também garantir a segurança alimentar, garantindo qualidade nos produtos, no aces

so aos mesmos e na sua distribuição, além de buscar um desenvolvimento local focado na agricultura familiar.

Como acontece com as comunidades quilombolas do semiárido, uma pesquisa mostrou que a agricultura familiar contribuiu com a sustentabilidade local e a proporcionar segurança alimentar:

Nesse contexto, a agricultura familiar é uma atividade que sempre contribuiu com a sustentabilidade das comunidades remanescentes quilombolas do semiárido, valorizando as tradições culturais constituídas entre gerações, representante da vida que brota a partir da terra, com símbolos e significados, fazendo parte do cotidiano dos indivíduos desde que nascem, a agricultura apresenta grande responsabilidade referentes às condições socioeconômicas, bem como a uma diversidade de alimentos destinados à subsistência da comunidade (SILVA; MIRA, 2016).

Em Alagoas, segundo o Ministério da Integração Nacional (MI), apresentado por Pereira Júnior (2007, p. 4), 45,61% do território alagoano encontram-se na Região do Semiárido Brasileiro, ou seja, quase a metade. É fato que a população envolvida acaba se encontrando uma situação vulnerável e a necessidade de práticas para proporcionar o desenvolvimento é fundamental.

Para se ter uma ideia, segundo o Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (EMATER), 2019, “a Agricultura Familiar exerce papel fundamental na economia brasileira e, em Alagoas representa 72% da mão de obra ocupada no meio rural”. Diante disso, Barbosa, Reis e Brandão (2017, p. 6) dizem que:

Novas alternativas estão surgindo no ambiente rural para a construção de um processo de desenvolvimento rural, mais próximo a realidade local e que contemple suas particularidades social, econômica, produtiva, cultural e ecológica. Por sua vez, esta forma diferenciada em se pensar e planejar o desenvolvimento rural abre uma nova perspectiva de desenvolvimento para a Região do Sertão Alagoano, uma vez que poderá possibilitar a esta localidade a construção de estratégias sócioprodutivas mais alinhadas à realidade local e aos níveis de capitais social, humano, tecnológico, financeiro, ecológico e cultural nela existente.

Os autores acreditam em práticas voltadas à agricultura familiar, mais precisamente, a agroecologia, como fomento ao desenvolvimento, sendo viável mediante a necessidade de políticas que sejam propícias e que não afetem a vida dos envolvidos. Nesse contexto, deveria haver uma maior interação enfatizando as potencialidades de cada localidade, proporcionando assim um desenvolvimento rural menos excludente:

O ambiente rural vem passando por um processo de transformação socioeconômica que está proporcionando novas oportunidades para a inserção das famílias rurais. Estas transformações vêm ocorrendo a partir das particularidades existentes em cada ambiente rural. Essas particularidades estão, ao passar do tempo, sendo entendidas e interpretadas de maneiras distintas, já que em cada ambiente existem infinitas de relações sociais que diferem de lugar para lugar (BARBOSA; REIS; BRANDÃO, 2017, p. 1).

Tomando como base essas ideias, o desenvolvimento local seria proporcionado a partir das potencialidades locais, pontuando-as como necessárias conforme o que discute Buarque e do qual foi analisado anteriormente.

4 RESULTADOS

4.1 A Feira da Agricultura Familiar em Santana do Ipanema/AL

Localizada na cidade de Santana do Ipanema, Alagoas, se encontra a Feira da Agricultura Familiar, uma iniciativa da Secretaria de Agricultura do município de Santana do Ipanema, que foi iniciada em 2017 conforme conta o secretário de agricultura da localidade. O município já tinha a sua participação no PNAE e como havia um excedente, viu-se a necessidade para o escoamento dessa sobra, dando início a feira.

De início, a feira tinha 8 agricultores, no seu ápice, chegou a ter 23 agricultores. Atualmente, dado a pandemia do Covid-19, tem-se em média 13 feirantes. Existe o cadastro dos agricultores junto a secretaria por meio de documentação e também pela própria DAP – todos os agricultores que são atendidos pela secretaria tem – onde comprovam que são agricultores familiares. Com esse cadastro, a secretaria consegue identificar quem participa da feira ou não; não existe um cadastro específico para somente os feirantes da feira da agricultura familiar. Entretanto, o secretário destaca que alguns produtos são sazonais, então há períodos em que há mais feirantes e períodos em que há menos feirantes.

Segundo o Secretário, o mesmo teve a ideia inicial e em conversa com o prefeito da época, que achou a ideia interessante, começou o processo para dar início. Foram conseguidas as bancas/barracas com a Secretaria do Estado de Alagoas por meio de doação. De início, a feira acontecia uma vez ao mês, porém em conversa com os feirantes, decidiu-se por aumentar para 02 (duas) vezes na semana e também pelo aumento da demanda ela ficou sendo realizada toda semana. Hoje, ela acontece toda sexta-feira, das 07:00 da manhã até o meio-dia mais ou menos.

Os alimentos encontrados na feira são: feijão de corda, acerola, pimentão, coentro, cebolinha, pimenta, molho de pimenta em conserva, cebola, abóbora, macaxeira, tomate-cereja entre outros.

Cada feirante utiliza uma barraca, não existem barracas compartilhadas. Os produtos são o excedente do vendido para os programas do PNAE e PAA, além das vendas para uma ONG em Pernambuco, a ong CERCA. Tudo feito em parceria com a secretaria de agricultura.

Para participar da feira, os critérios impostos pela secretaria é que haja um acompanhamento pela própria secretaria por meio de assistência técnica e também que não sejam utilizados agrotóxicos nas plantações, pois o objetivo da secretaria é que sejam ofertados produtos agroecológicos e no futuro caminhar para que os agricultores trabalhem com produtos orgânicos. A secretaria também pede que os produtos sejam produzidos dentro do município de Santana.

Para participar da feira da agricultura familiar de Santana do Ipanema, os agricultores que desejam, devem entrar em contato com a secretaria e informar seu interesse, informando quais produtos serão ofertados, assim, a mesma providenciará uma barraca e, se for o caso, transporte para o agricultor. Para alimentos do tipo, cebolinha, coentro entre outro, que a produção é mais “comum”, de início, não é feita uma visita da assistência técnica, ou o agricultor pode até ofertar os seus produtos inicialmente na feira e depois o técnico da localidade ir visita-lo. Agora para alimentos mais exóticos e de difícil acesso na localidade, é preciso que, antes dele iniciar a venda na feira, que o técnico vá lá na localidade analisar se de fato, essa produção é dele mesmo, para não correr o risco de ser alguma produção de outra localidade.

A secretaria além de dispor de técnico que vão até as comunidades prestar assistência, também deixa a disposição carros para transporte dos alimentos e dos próprios agricultores/feirantes, atualmente há 05 carros. Apesar dessa disponibilidade, os carros não são próprios para o transporte desses alimentos, mas o fazem com cuidado, evitando que os mesmos estraguem. A secretaria também informou que já está analisando a compra de um carro específico para esse transporte.

A feira também abrange o artesanato local, entretanto, como destacado, há um artesão que é de outra localidade (Senador Rui Palmeira), mas o mesmo não compete com o artesanato local, ou seja, são linhas de trabalhos diferentes, o mesmo oferta sem problemas os seus produtos.

4.2 A Feira da Agricultura Familiar e as instituições que a acompanham

A secretaria observou que como é composta em sua maioria por mulheres, as mesmas acabaram por ter uma independência financeira, uma renda extra. Observou-se assim, uma melhora para eles.

Como já falado, os produtos dos agricultores são destinados aos programas do PAA e PNAE e seu excedente é destinado a venda na feira da agricultura familiar, entretanto, há um excedente, mesmo que mínimo. Esse excedente, não fica à mercê da secretaria, quem cuida deles são os agricultores/feirantes. Em alguns casos, quando um mercado local solicita ou informa que precisa de verduras, alguns excedentes são destinados para esse mercado. Os agricultores também vendem o que sobra da feira na sua comunidade, alguns podem ser armazenados para aproxima semana e em último caso, eles fazem doações a quem precise – essa doação é por conta do agricultor.

A Secretaria trabalha em conjunto com a Emater por meio de um Termo de Cooperação entre as entidades, ao qual a Emater entra com o prédio além da base de projetos e de planejamento para os interessados e a secretaria com sede os técnicos. São apresentados os projetos que o município quer desenvolver com o apoio da Emater e, dentro desses projetos existe um para apoio à comercialização. Assim, os agricultores que são atendidos por ela ganharam um espaço para comercializar seus produtos. Vale destacar que, nem todos os agricultores que participam dos projetos da Emater participam ativamente da feira.

A Emater também dispõe de carros a disposição do município para esses feirantes. Dos 05 (cinco) carros utilizados para buscar os feirantes/agricultores citados pelo secretário, 03 são da Emater. Além dos carros, a Emater dispõe de motos para os técnicos prestarem assistência aos agricultores/feirantes e também aos demais agricultores pois a Emater com sede em Santana, atende 12 (doze) cidades.

4.3 A Feira da Agricultura Familiar através dos olhos dos feirantes/agricultores

Foram realizadas entrevistas com 06 agricultores da Feira da Agricultura Familiar, sendo agricultores/feirantes com idades de 20 até 63 anos sendo de cinco localidades diferentes: Sítio Serrote dos Bois, Povoado Areia Branca, Sítio Alto da Ema, Sítio Puxinanã e Sítio Curral do Meio.

Quadro 1 - Dados dos agricultores/feirantes da Feira da Agricultura Familiar.

Agricultor	Idade	Localidade	Tempo na feira	Como conheceu/participou da feira?
01	20 anos	Povoado Areia Branca	02 a 03 anos.	No início a feira foi divulgada e alguns agricultores também foram convidados a participar.
02	30 anos	Sítio Serrote dos Bois	Aproximadamente 02 anos.	Alguém (conhecido) participava da feira incentivou a participar.
03	40 anos	Sítio Alto da Ema	Desde o início	Através da secretaria, mas também era cooperada da Copafaz.
04	63 anos	Sítio Curral do Meio	Mais de 02 anos	Conheceu através da Cooperativa.
05	48 anos	Sítio Puxinanã	02 semanas	Já conhecia e daí veio o interesse.
06	40 anos	Santana do Ipanema	Desde o início	Conhecia a feira. Teve interesse, procurou a secretaria e daí começou a participar.

Fonte: Autora (2020).

Ambos os agricultores informaram que estão na feira há uns 02 a 03 anos, com exceção do Agricultor 05¹, que era novata, tinta cerca de 2 semanas que vendia na feira. O agricultor mais jovem tinha 20 anos e já trabalhava na feira já tinha uns 03 anos, ele conta que começou na feira desde o início da sua criação – pelo que foi analisado, o surgimento da feira foi bem anunciado na época, despertando o interesse dos agricultores. Por ser jovem, o mesmo se utiliza das redes sociais para a venda de seus produtos, ele conta que em sua maioria, os produtos já vêm encomendados de sua localidade.

Além disso, o mesmo conta que com o surgimento da feira, ele teve que adaptar a sua plantação/produção, dividindo o seu terreno em 02 partes e plantando em períodos separados – quando uma lado está no meio do processo, é iniciado o novo plantio, Na sua plantação, também e utilizado um sistema de irrigação com água de uma barragem próxima a sua propriedade.

O mesmo conta que, houve sim uma melhoria de vida, em quesitos como sua própria alimentação, além do aumento de renda. A secretaria informou que deixa também que os agricultores tenham vontade e busquem a secretaria para

1 Para preservar as identidades dos agricultores/feirantes, eles serão nomeados como agricultores 01, 02, 03, 04, 05 e 06.

expressar ideias ou opinar sobre o que querem. Por exemplo, nas semanas do natal e ano novo os agricultores se reuniram e falaram com a secretaria e foram pedir para que a feira acontecesse normalmente.

Quadro 2 - Melhorias apontadas.

Agricultor	Melhorias apontadas
01	Um incremento de renda
02	Uma renda extra e passou a consumir produtos mais saudáveis.
03	Passou a ter uma renda extra e consumir produtos sem o uso de muitos agrotóxicos.
04	Incremento de renda, melhora na alimentação e informou se sentir mais feliz ao participar da feira.
05	Renda extra e melhora na alimentação.
06	Uma renda extra.

Fonte: Autora (2020).

Sobre os transportes quando perguntados, eles informaram que a secretaria oferece o serviço, mas apesar disso, dos 06 entrevistados, 03 disseram que vem em transporte próprio ou algum membro da família os leva. Em algumas situações, eles usam o carro da secretaria. Perguntados sobre o carro ser adequado, eles disseram que sim, conseguem trazer os alimentos acomodados o suficiente, sem que estraguem.

Os agricultores 02 e 03 só produzem no período das safras dos seus alimentos e informaram que houve sim uma mudança com a inclusão na feira: uma delas foi a própria alimentação, eles destacaram que só consomem o que produzem e a outra diz respeito a um incremento na renda. Sobre a sua produção, eles se utilizam do que sabem para produzir, mas em algumas épocas do ano, com a escassez de água, optam por produção de outros alimentos. Questionados sobre o que sobra na feira, eles disseram que quase sempre vendem tudo, então as vezes nem sobra nada, ou quando sobra, vai para um mercadinho local ou até mesmo consumo. O agricultor 03 trabalha com molho de pimenta em conserva então esses produtos podem ser armazenados para a próxima semana.

O agricultor 04 é o agricultor mais velho da feira (em questão de idade). O mesmo destacou que a feira é importante pois se sente feliz ao participar dela. O mesmo vende para o PAA, PNAE e também vende para a sua comunidade. Quando

questionada sobre o que sobra na feira, ele informou que na comunidade, ele sempre vende aos vizinhos, também tem seu consumo e em último caso, ela doa a quem precisar.

Na feira também há o espaço de comida, denominado “Espaço Cumer”, é um espaço destinado para que os feirantes e os clientes possam comprar algo para comer. Quando perguntado o porquê da criação do espaço, a secretária informou que, como muitos vem cedo para a feira, sentiu-se a necessidade de um local onde se pudesse fazer isso. No dia da entrevista, só havia uma pessoa nesse espaço. As comidas do local são comidas típicas nordestinas, algumas delas, como bolo de milho são produzidas com produtos da plantação de seus parentes que são agricultores. A entrevistada disse que viu a feira e perguntou se poderia colocar algo para vender e teve a aprovação. Nessa barraca são ofertados, alguns salgados, doces, castanhas assadas, bolos, sucos e etc.

Todos os agricultores relataram que não há uma competitividade acirrada entre eles, além de que se precisarem de ajuda, eles se ajudam, seja pelo simples gesto de cuidar da sua barraca ou até mesmo vender o produto do colega porque o seu acabou.

O que foi observado pela pesquisadora também é que, o preço é praticamente o mesmo em todas as bancas. O fato curioso que me chamou atenção é que na feira comum da cidade, o coentro, por exemplo, está custando cerca de R\$ 1,50, enquanto que na feira da agricultura familiar, está custando R\$ 1,00.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como observado nas pesquisas, os agricultores informaram que sentiram uma melhora tanto na sua alimentação como também um aumento na renda familiar. É possível ver nesse sentido que, a Feira da Agricultura Familiar em Santana do Ipanema é um pontapé inicial para que as pessoas envolvidas no processo busquem aprimorar seu capital social, capital humano e o espírito de cooperação entre si.

Podemos nesse sentido, analisar que há nesse caso, em especial, um início de desenvolvimento local, onde o processo começa internamente e ganha força a fim de fortalecer os laços da cultura local. Por outro lado, é notório ver que, a feira ainda é um elo frágil, dado o seu tamanho e isso se confirma com a pandemia da COVID-19, que proporcionou uma queda de quase 50% dos agricultores/feirantes na feira.

Contudo, é fato que a feira se torna uma nova iniciativa para geração de renda, renda extra e também uma garantia de melhores alimentos – alimentos livres de agrotóxicos – para a mesa dos seus consumidores e próprios produtores, além de que é uma forma de escoamento de produção que tenta diminuir ao seu máximo as perdas que viriam a acontecer.

Assim, a Feira da Agricultura Familiar de Santana do Ipanema, é sim, um pequeno CCC que permite o escoamento da produção de uma forma simples, mas em que há o contato direto entre produtores e consumidores, sem que haja, uma competitividade acirrada.

A feira enquanto CCC alinhada ao canal de comercialização proporcionado pela Secretaria de Agricultura do Município e a Emater garante, por exemplo, um início de fortalecimento da cadeia de produção desses alimentos, e nessa localidade em especial, garantindo que não haja negociações de terceiros. Ou seja, eles (os agricultores/feirantes) conseguem vender seus alimentos e ter uma maior participação desse processo, não sendo necessário que atravessadores entrem na comercialização dos seus produtos.

Contudo, acredito que se deve procurar outras formas de escoamento da produção a fim de nova adequação da situação, como por exemplo, adequação a pandemia atual. Os agricultores são ativos e determinados, e sempre buscam melhorias, então, procurar meios de divulgação ou até mesmo de alinhamento a tecnologia que vivenciamos as suas realidades – claro, desde que haja uma

aceitação dos envolvidos e também um gerenciamento adequado – poderia criar um novo canal de fortalecimento e comercialização dos produtos, que pode se tornar uma ferramenta importante para o crescimento dos produtores/feirantes.

Outro fato a ser analisado, é o preço dos alimentos ofertados na feira da agricultura familiar. Se comparado com a feira tradicional que acontece na cidade, os preços da Feira da Agricultura Familiar acabam sendo mais baratos – lembrando que não está se discutindo o valor que o produto é vendido pelo programa do PAA e PNAE, mas sim na feira. Talvez, um direcionamento para que os próprios agricultores consigam colocar seus gastos de produção e cuidados com os alimentos no papel e alinhar a um preço mais justo pelo produto ofertado seria uma opção a ser discutida, uma espécie de educação financeira para o agricultor/feirante.

Mas, apesar de todos os impasses nota-se que, a feira proporcionou sim uma mudança, mesmo que pequena, mas inicial na vida dessas pessoas, seja por uma segurança alimentar e consumo de alimentos mais saudáveis ou seja pelo incremento de renda.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi analisado, é observado uma mudança positiva com a implantação da feira da agricultura familiar em Santana do Ipanema. A feira acabou por melhorar a qualidade de vida, a alimentação e também uma incrementação de renda. Além de acabar com um problema sobre a destinação do excedente e também da comercialização da produção. Viu-se também que os agricultores são pessoas ativas, que sempre buscam o melhor para si, participantes na feira e que, estão dispostos a aprender. Com a ajuda da secretaria – o apoio técnico do pessoal que acompanha a produção –, eles conseguem tocar sua produção.

Como já discutido anteriormente, é possível ver na feira da agricultura familiar de Santana do Ipanema, traços do conceito de desenvolvimento apontados por Buarque e outros autores, uma vez que o processo de desenvolvimento está atrelado a haver uma organização e mobilização de vários atores que buscam um bem comum. E, que a feira é um Circuito de Comercialização que proporciona geração de renda, empregos e incentiva o consumo de alimentos mais saudáveis

Acredito que, assim como o agricultor 01 que se utiliza de ferramentas da era tecnológica para aprimorar suas vendas (Instagram e WhatsApp), fica em aberto a ideia de se adaptar para os demais produtores, ou seja, utilizar as redes sociais como um canal para atrair o público, mas também torná-lo um canal de comercialização onde as pessoas/clientes possam encontrar o produto que precisam e comprá-lo normalmente. Além de que tentar buscar formas de aprimoração de sua produção, seja por um sistema de irrigação simples ou até mesmo um curso de manuseio de adubos ou sobre o que são produtos orgânicos e agroecológicos ou até mesmo um curso ou palestra sobre educação financeira para o homem do campo.

É necessário pensar sobre isso para que a feira possa crescer mais. Apesar de ter agricultores ativos, observa-se que por conta da COVID-19, os agricultores que participavam da feira caíram drasticamente. E se no futuro acontecer algo semelhante, como ficará a feira?

Deve-se começar a pensar ou adotar medidas de comercialização que ajudem no escoamento da produção durante esses períodos difíceis, seja por meio de canais de vendas online ou até de formas de entrega a domicílio facilitando o

diálogo entre o agricultor/feirante e o consumidor final, de modo que haja praticidade e agilidade para ambos.

Por fim, apesar da feira não ter atravessadores, observou-se que, os preços acabam sendo muito baixos, assim, seria interessante um apoio de instituições educacionais – as próprias universidades locais, por exemplo – de propor parcerias para ensinar/elaborar junto com o agricultor/feirante seus gastos e assim, verificar o preço justo tanto para o produtor como para o demandante.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. Paradigmas do Capitalismo Agrário em questão. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL. Brasília, DF, **Anais**, 1997. São Paulo. Anpocs, Unicamp, Hucitec, 1992.

ÂNGULO, J. L. G. Mercado local, produção familiar e desenvolvimento: estudo de caso da feira de Turmalina, Vale do Jequitinhonha, MG. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, MG, v. 5, n. 2, 96-109, 2003.

AZEVEDO, M. A.; JALFIM, F. T.; BLACKBURN, R. M.; SANTIAGO, F. dos S. A promoção de feiras agroecológicas como instrumentos eficazes para a sustentabilidade da agricultura familiar no semiárido: a experiência do Projeto Dom Helder Camara. **Cadernos de Agroecologia**, Porto Alegre, p. 1-5, v. 8, n. 2, nov. 2013. Trabalho apresentado no 8º Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2013, Porto Alegre. Disponível em: <http://revistas.abaagroecologia.org.br/index.php/cad/article/download/14252/8995>. Acesso em: 9 mar. 2020.

BARBOSA, L. C. B. G; REIS, E. H. S. dos; BRANDÃO, T. F. B. Agroecologia, vulnerabilidades socioambientais e novas estratégias reprodutivas no Semiárido de Alagoas, Brasil. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA E SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 8, Curitiba, nov. 2017. **Anais** [...] Curitiba, 2017. Disponível em: https://singa2017.files.wordpress.com/2017/12/gt18_1506298030_arquivo_artigo_sing2017_barbosa_reis_brandao.pdf. Acesso em: 09 fev. 2019.

BRASIL. **Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006**. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Brasília, DF, jul. 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm. Acesso em: 05 mar. 2019.

BUARQUE, S. J. C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**: metodologia de planejamento. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS TÉCNICOS AGRÍCOLAS (FENATA). **Agricultura familiar do Brasil é 8ª maior produtora de alimentos do mundo!** Federação Nacional dos Técnicos Agrícolas, Porto Alegre, RS. 2019. Disponível em: <https://www.fenata.com.br/site/index.php/noticias-gerais/596-agricultura-familiar-dobrasil-e-8-maior-produtora-de-alimentos-domundo#:~:text=Levantamento%20feito%20pelo%20portal%20Governo,os%20maiores%20produtores%20de%20alimentos>. Acesso em: 20 jan. 2019.

FRANCO, A. **Desenvolvimento, capital social, redes sociais e sustentabilidade**: capital social e desenvolvimento. Escola de redes, São Paulo, 06 de junho de 2010. Disponível em: [blog>http://escoladeredes.net/profiles/blogs/desenvolvimento-capital-social](http://escoladeredes.net/profiles/blogs/desenvolvimento-capital-social). Acesso em: 20 ago. 2020.

FURTADO, C. **O mito do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Semiárido Brasileiro. O que é**. Brasília, DF, [20--] Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geocienciasnovoportal/todos-os-produtos-geociencias/15974-semiarido-brasileiro.html?=&t=oque-e>. Acesso em: 10 mar. 2019.

INSTITUTO DE INOVAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL DE ALAGOAS. **Agricultura Familiar**. [S.l., 20--]. Disponível em: <http://www.emater.al.gov.br/agricultura-familiar/agricultura-familiar>. Acesso em: 21 jan. 2019.

KAMIYAMA, A. **Cadernos de Educação Ambiental: agricultura sustentável**, São Paulo: SMA, 2011. Disponível em: <http://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/342993.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

MAIA, N. Compras públicas: políticas de incentivo à organização de agricultores familiares. **Revista Casa da Agricultura**, Campinas, SP, ano 14, n. 1, p. 27-28, 2011.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Agricultura familiar**. Brasília: MDA, 2016. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/dap/agricultura-familiar>. Acesso em: 20 jan. 2019.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **O que é a agricultura familiar**. Brasília, DF: MDA, 2016. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/o-que-%C3%A9-agricultura-familiar>. Acesso em: 20 jan. 2019.

MOREIRA, C. **Soberania alimentar e alimentação adequada**. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), 2008.

NISBET, R. **Social change and history: aspects of the western theory of development**. New York: Oxford University Press, 1969.

PEREIRA JÚNIOR, J. de S. **Nova delimitação do semiárido brasileiro**. Brasília, DF: Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados, nov. 2007. Disponível em: http://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/1604/nova_delimitacao_jose_pereira.pdf?sequence=3. Acesso em: 9 fev. 2019.

PEREIRA, M. P.; ALENCAR, C. M. M. de. Feira livre de São Felipe-BA: expressões de transformações e resistências à urbanização. **Revista Rural & Urbano**, Recife. v. 1, n. 1, p. 58-66, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ruralurbano/article/viewFile/241006/32046>. Acesso em: 20 ago. 2020.

PIERRI, Maria Clara Queiroz Mauricio; VALENTE, Ana Lucia E. F. A feira livre como canal de comercialização de produtos da agricultura. CONGRESSO DE ECONOMIA

E SOCIOLOGIA RURAL, 58, 2015, Brasília, DF. **Anais [...]**. Brasília, DF, 2015. Disponível em: <https://docplayer.com.br/10224387-A-feira-livre-como-canal-decomercializacao-de-produtos-da-agricultura-familiar-clarapietri-gmail-com.html>. Acesso em: 20 ago. 2020.

RAMOS, D. de A; COELHO, G. D; VITAL, A. de F. M; LOPES, E. da S. A; SANTANA, A. C. A. Perfil dos agricultores familiares das feiras Agroecológicas de Congo-PB e Monteiro-PB. **Cadernos de Agroecologia**, Fortaleza/CE. v. 6, n. 2, dez. 2011.

SCHNEIDER, S. Teoria Social, Agricultura Familiar e Pluriatividade. **Revista Brasileira De Ciências Sociais**, São Paulo, SP, v.18, n.51, p.99-122, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n51/15988>. Acesso em: 28 fev. 2019.

SCHNEIDER, S.; FERRARI, D. L. Cadeias curtas, cooperação e produtos de qualidade na agricultura familiar: o Processo de Relocalização da Produção Agroalimentar em Santa Catarina. **Organizações Rurais & Agroindustriais**. Lavras, MG, v. 17, p. 56-71, 2015.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

SILVA, B. J. da. **Circuitos curtos de comercialização de produtos orgânicos: emancipação socioeconômica na agricultura familiar**. 2015. 121f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina.

SILVA, W. A. da; MIRA, F. de. Agricultura familiar e segurança alimentar em comunidades quilombolas do Semiárido Alagoano. **Revista GeoSertões**, Cajazeiras, PB, v.1, n. 2, p. 60-79, 2016. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/geosertoes/article/download/55/pdf>. Acesso em: 19 ago. 2020.

SOARES, I. F.; MELO, A. C. de; CHAVES, A. D. C. G. A agricultura familiar: Uma alternativa para o desenvolvimento sustentável no município de Condado – PB. **Infotecnarido**, Mossoró, RN. v.3, n.1, p. 56-63, jan./dez. 2009. Disponível em: <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/INTESA/article/view/456/477>. Acesso em: 30 set. 2020.

VEIGA, J. E. da. Territórios para um desenvolvimento sustentável. **Cielo: Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 20-24, jan./mar. 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n1/a12v58n1.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIOS

Entrevista com: Secretário de Agricultura

1. Quando a feira da agricultura familiar de Santana do Ipanema surgiu? Foi uma iniciativa da Secretaria ou algum plano do governo municipal ou estadual?
2. Atualmente quantos agricultores participam da feira da agricultura familiar de Santana do Ipanema?
3. A Secretaria presta algum tipo de assistência aos feirantes da feira da agricultura familiar de Santana do Ipanema? Se sim, quais (doação de sementes, transporte, auxílio...)?
4. Para os agricultores que são feirantes na feira da agricultura familiar de Santana do Ipanema, há algum programa que eles participam pela Secretaria (programas de capacitação, cursos ou programas sociais, como o PAA)?
5. A Secretaria tem algum levantamento histórico dos agricultores que são feirantes na feira da agricultura familiar de Santana do Ipanema (dados desde a criação da feira)?
6. Os agricultores que participam da feira da agricultura familiar de Santana do Ipanema estão em algum programa do governo (municipal, estadual ou federal)? Se sim, como funciona? A Secretaria tem controle disso?
7. A Secretaria sentiu alguma melhoria antes e depois na feira para com os agricultores/feirantes?
8. Há algum excedente (sobras de alimentos) de produtos comercializados na feira da agricultura familiar de Santana do Ipanema? O que é feito com os produtos? A Secretaria que cuida disso, ou os agricultores/feirantes da feira da agricultura familiar de Santana do Ipanema que o fazem?
9. Como funciona a parceria com a Emater e com a Cooperativa?
10. Como funciona a venda de alimentos para a ONG CERTA? Quem faz a intermediação: A Secretaria, a Emater, a Cooperativa ou os próprios agricultores/feirantes da feira da agricultura familiar de Santana do Ipanema?
11. O Espaço *Gourmet* (Espaço Cumer) foi uma iniciativa de quem? Quando se percebeu a necessidade desse tipo de “evento”?

Entrevista com: Emater

1. Qual o papel da Emater na Feira da agricultura familiar de Santana do Ipanema??
2. Como funciona a parceria com a Secretaria de Agricultura de Santana do Ipanema?
3. De que forma a Emater participa da feira da agricultura familiar de Santana do Ipanema? Presta algum suporte? Qual?
4. A Emater tem sua participação desde o início da feira ou não? Se não, quando ela começou a participar? Sua participação é ativa?

APÊNDICE B – FOTOS DA FEIRA

Foto 01. Evento do PAA na rua principal da feira juntamente com a feira ao lado.



Autoria: Própria

Foto 02. Evento do PAA na Feira da Agricultura Familiar



Autoria: Própria

Foto 03. Feira da Agricultura Familiar



Autoria: Própria

Foto 04. Produtos na Feira da Agricultura Familiar



Autoria: Própria

Foto 05. Produtos na Feira da Agricultura Familiar



Autoria: Própria

Foto 06. Produtos na Feira da Agricultura Familiar



Autoria: Própria

Foto 07. Produtos na Feira da Agricultura Familiar



Autoria: Própria